

O MESTRE SANTEIRO DE LAGOA DOURADA, MINAS GERAIS, BRASIL

THE SANTEIRO MASTER OF LAGOA DOURADA, MINAS GERAIS, BRASIL

EL MAESTRO SANTEIRO DE LAGOA DOURADA, MINAS GERAIS, BRASIL

Luiz Antonio da Cruz¹
luizcruztiradentes@gmail.com

RESUMO

O objetivo deste artigo é apresentar o mestre santeiro que atuou em Lagoa Dourada, município da região Campos das Vertentes, Minas Gerais. Esse mestre, que não teve seu nome identificado, hoje é conhecido como Mestre de Lagoa Dourada. Ele circulou por outras vilas mineiras, onde executou esculturas devocionais. Sua atuação deve ter ocorrido na primeira metade do século XVIII e nos legou expressivas obras já identificadas de sua fatura, mas outras ainda devem ser localizadas, desde que informações sobre a tipologia por ele construída ao longo do tempo for mais conhecida. Dentre as imagens identificadas, algumas apresentam soluções mais ingênuas e outras com mais amadurecimento. O legado desse Mestre inclui um expressivo acervo de imagens, com estilemas imediatamente identificáveis, pelas soluções escultóricas e pela policromia.

Palavras-chave: Lagoa Dourada; mestre santeiro; imagem; estilemas; policromia.

ABSTRACT

The objective of this article is to present the master saint maker who worked in Lagoa Dourada, a municipality in the Campos das Vertentes region, Minas Gerais. This master, whose name was not identified, is now known as Mestre de Lagoa Dourada. He traveled to other villages in Minas Gerais, where he created devotional sculptures. His work must have occurred in the first half of the 18th century and he left us significant works that have already been identified from his work, but others still need to be located, as long as information about the typology he constructed over time is better known. Among the images identified, some present more naive solutions and others with more maturity. The legacy of this Master includes an expressive collection of images, with styles that are immediately identifiable, due to their sculptural solutions and polychromy.

Keywords: Lagoa Dourada; saint maker; sculpture, styles; polychromy.

¹ Doutor e mestre em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Estágio pós-doutoral em História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (Fafich/UFMG). Graduado em Letras, Instituto de Ciências e Artes (INCA), Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Curso de artes pela Escola de Artes Visuais do Rio de Janeiro. Curso técnico em restauração na Fundação de Artes de Ouro Preto (FAOP). Integrante dos grupos de pesquisa *Perspectiva Pictorum* (UFMG) e *Ornamenta*, Universidade de Campinas (Unicamp). Professor aposentado da Rede Pública Estadual de Minas Gerais.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2908104364395035>.
Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-5941-1375>.

RESUMEN

El objetivo de este artículo es presentar al maestro santeiro que trabajó em Lagoa Dourada, municipio de la región de Campos das Vertentes, Minas Gerais. Este maestro, cuyo nombre no fue identificado, hoy se conoce como Mestre de Lagoa Dourada y viajó a otras aldeas de Minas Gerais, donde realizó esculturas devocionales. Entre las imágenes identificadas, algunas presentan soluciones más ingenuas y otras con más madurez. Su obra debió ocurrir en la primera mitad del siglo XVIII y nos dejó obras significativas que ya han sido identificadas de su obra, pero aún falta localizar otras, en tanto se conozca mejor información sobre la tipología que construyó a lo largo del tiempo. El legado de este Maestro incluye una expresiva colección de imágenes, con estilos inmediatamente identificables, por sus soluciones escultóricas y policromía.

Palabras clave: Lagoa Dourada; maestro santeiro; imagen; estilo; policromía.

INTRODUÇÃO

O Campo das Vertentes, em especial a região do Rio das Mortes, teve ocupação muito antiga. O vasto território, que acabou conhecido como os Sertões dos Cataguases, abrigou comunidades indígenas, povos nômades, que circulavam em busca da caça, pesca e áreas férteis para o cultivo de certos alimentos. Da presença desses povos, subsistem diversos vestígios arqueológicos na região e uma das localidades onde ocorrem é o município de Lagoa Dourada. Muitos moradores sempre estiveram em contato com esse material, em especial os artefatos em rochas e cerâmicos. Graças à sensibilidade e cultura do padre José Walter Silva de Carvalho, esses objetos/fragmentos passaram a ser recolhidos e guardados em uma sala da Matriz de Santo Antônio.

As informações sobre esses achados sempre circularam em Lagoa Dourada, até que, mais recentemente, os seus sítios arqueológicos se tornaram temas de pesquisas acadêmicas, que têm valorizado e reconhecido esse legado patrimonial fabuloso e tão necessário para a compreensão da ocupação e circulação dos povos originários na região. As pesquisas arqueológicas de Cristiano Lima Sales (2012, 2022) nos possibilitam entender melhor esses povos, mas, como o próprio pesquisador salientou, há muito o que fazer nessa área, muito a se descobrir e, mais ainda, a se compreender. Esse autor ressalta a necessidade de investigações, para

[...] gerar informações decisivas para que possamos conhecer mais a fundo o processo de ocupação do nosso território e as relações dos diferentes grupos indígenas entre si e com o ambiente que herdamos, onde vivemos hoje. Nesse sentido, julgamos imprescindível o desenvolvimento da pesquisa científica, na medida em que esta contribui para a formação de consciências que se identifiquem e se relacionem com o patrimônio cultural legado pelos nossos ancestrais, e promove a sensibilização, valorização e envolvimento da comunidade, ampliando, assim, a capacidade de observação da realidade local para compreender as relações sociais globais existentes no nosso próprio tempo (Sales, 2022, p. 164).

Catauá, Cataguá, Cataguases são referências presentes em Lagoa Dourada, tanto que Catauá é o topônimo de um de seus povoados e, comumente, na localidade, circulam informações sobre os indígenas catauá e os seus descendentes inseridos nas redes familiares lagoenses. Muitos indígenas foram renitentes, como esclarece Resende (2007, v. 1, p. 245):

Ao revisitarmos Minas Gerais colonial, deparamos com populações indígenas vivendo nas vilas e lugarejos. Naquele contexto, a despeito da “invisibilidade” de parcela dos índios coloniais – porque estavam na condição de misturados, de mestiços –, eles reconstruíram nova identidade baseada na sua “indianidade”.

Com o avanço das pesquisas acadêmicas e a conscientização ambiental da comunidade, Lagoa Dourada ganhou relevância no cenário da arqueologia e se destacou como um campo fértil para a Educação Patrimonial e um potencial turístico diferenciado.

Os Sertões dos Cataguases já eram bem conhecidos dos desbravadores paulistas desde o período colonial, pelo menos do último quartel do século XVII. Eles seguiam as trilhas indígenas e passavam pelos campos, matas e serras. Ao longo dos caminhos, surgiram as povoações, os primeiros arraiais e, num desses pontos, encontraram uma lagoa onde acharam robustas pepitas de ouro, a Alagoa Dourada, que teve sua denominação adaptada para Lagoa Dourada, termo integrante da Vila de São José del-Rei, a atual Tiradentes. Em 1717, o lugar já estava ocupado e com a Capela de Santo Antônio fundada por Dom Frei Antônio de Guadalupe, benta pelo padre Manuel da Encarnação Justiniano, em 1734. A criação do município ocorreu através da Lei Nº 556, de 30 de agosto de 1911, e seu território teve desmembramento de Prados (Barbosa, 1995).

Lagoa Dourada teve um conjunto arquitetônico singelo, porém significativo, com suas casas, casarões, matriz, capelas, espaços cheios e vazios em estreito diálogo. Até o presente ainda nos propicia entendimento de como ocorria a ocupação “longilínea” – ou seja, ao longo de um caminho antigo (Vasconcellos, 2004). Infelizmente, esse conjunto não foi devidamente protegido pelos órgãos competentes do Patrimônio.

No início do século XIX, o viajante reverendo Robert Walsh, ao passar por Lagoa Dourada, quando seguia para Vila Rica, anotou:

O arraial de Lagoa Dourada consiste numa rua comprida, ladeira abaixo, contando aproximadamente com cinquenta casas e três igrejas. Trata-se de uma proporção muito elevada de prédios religiosos para um lugar tão pequeno, mas seus moradores pareciam muito devotos, pois havia cruzeiros erguidos diante de um número incontável de portas, dando-nos a impressão de que a cada habitante da cidade correspondia uma cruz (Walsh, 1985, v. I, p. 86).

Os viajantes bávaros – o zoólogo Johann Baptist von Spix e o botânico Carl Friedrich Martius –, numa das mais importantes expedições culturais realizadas no Brasil, também passaram pela localidade e registraram:

[...] Lagoa Dourada, em cujos arredores várias lavagens de ouro, muito ricas antigamente, são exploradas. Neste último lugarejo, festeja-se justamente o padroeiro ou outro santo. Algumas barracas ofereciam à venda chitas, tecidos de algodão, chapéus, artigos de ferro, pólvora, etc.; os negros ali presentes formavam grupos e faziam ressoar a sua música plangente, num instrumento de madeira com fios de seda retorcidos e esticados, acompanhando-a com os sons rangentes da fricção de dois paus. Pouco a pouco, foram chegando os vizinhos, montados em bestas, para assistir à missa de festa [...] (Spix; Martius, 1981, v. I, p. 196).

Ainda, como observado pelos viajantes, Lagoa Dourada foi produtora de ouro, mas se destacou na produção e no comércio de gêneros alimentícios, por meio de suas atividades agropastoris, desenvolvidas em diversas fazendas setecentistas, muitas delas bem preservadas e a conformar um potencial turístico respeitável. Há que ressaltar a importância da Fazenda do Váu, onde se cria o jumento da raça Pêga. Essas fazendas são encantadoras, pela arquitetura, pelos bens integrados, pela história e memória dos fazeres – claro, ainda, pela sua importância nos aspectos econômicos (Cruz; Boaventura, 2014).

Recentemente, a cidade se tornou mais conhecida pelo seu famoso rocambole de doce de leite, com as receitas tradicionais de famílias locais. Em 2023 é declarada a Capital Nacional do Rocambole (Senado Federal, 2023), reconhecida através da Lei Nº 14.646, de 2/8/2023 (Brasil, 2023). Contudo, muito além do rocambole, Lagoa Dourada tem os seus elementos arquitetônicos que se destacam na paisagem e abrigam acervos importantes, como a Matriz de Santo Antônio, a Capela de Nossa Senhora do Rosário, a Capela de Nosso Senhor do Bom Jesus de Matosinhos e demais capelas rurais. Sob a liderança dos párocos comprometidos com as questões patrimoniais e o povo lagoense, essas edificações têm recebido atenção e ações de conservação e restauração (Araújo; Marques, 2009).

Em 2010, convidados pelo padre José Walter Silva de Carvalho a conhecer a Capela do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, ficamos maravilhados com a ornamentação do templo, mesmo em situação precária, com intervenções inadequadas e repinturas tanto no retábulo quanto no conjunto de imagens (Figura 1). Na ocasião, o pároco revelou que seu grande sonho seria conseguir recursos para restaurar a edificação e devolvê-la à comunidade com todo o seu esplendor.

Esta capela se encontra no topo de uma colina, em destaque na paisagem da cidade. A edificação pioneira deve ter sido da primeira metade do século XVIII, mas, por falta de manutenção, a situação de conservação acabou comprometida, arruinada. Em 1905, foi

demolida e seu retábulo-mor esteve armazenado inadequadamente, inclusive exposto às águas pluviais, mas, em 1911, foi reconstruída pelo empreiteiro italiano Augusto Buzatti. Ao longo do tempo, recebeu intervenções danosas, como as repinturas, que acabaram por deixar apenas vestígios da policromia e minúsculos fragmentos do douramento original. Além das goteiras, os elementos estruturais do retábulo-mor barroco foram drasticamente atacados por insetos xilófagos – os cupins (Araújo; Marques, 2009).

Figura 1 – Retábulo-mor da Capela do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, com repinturas.
Lagoa Dourada, Minas Gerais



Fonte: autor, 2010.

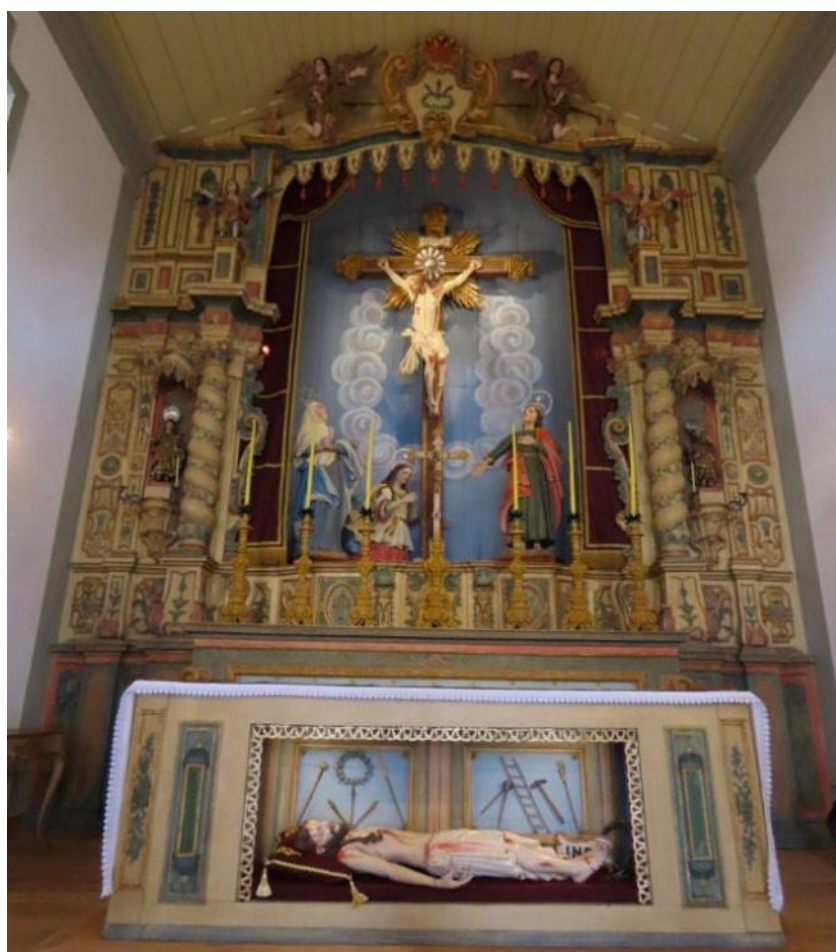
Lagoa Dourada teve a sorte e o privilégio de poder contar com a presença do restaurador e pesquisador Carlos Magno de Araújo, para estudar e propor as intervenções adequadas, com seriedade, principalmente maturidade profissional e ética. E o resultado, não poderia ser melhor! Para a realização das obras, a liderança do atual pároco, padre Adriano Tércio Melo de Oliveira, tornou-se fundamental, mas também a mobilização do povo de Lagoa Dourada e o apoio da Prefeitura, por meio do Conselho Municipal de Patrimônio.

Com a edificação devidamente restaurada, ganhou o Patrimônio Cultural de Lagoa Dourada, de Minas e do Brasil, porque a igreja teve seu esplendor recuperado e se tornou mais um dos orgulhos da comunidade, que se empenhou para a obtenção dos recursos e promoveu a

apropriação do bem com sua ampla significação. A festa de entrega das obras ao povo lagoense foi uma beleza, com expressividade, devoção e comprometimento com a história e a cultura local. A programação festiva teve início no dia 28 e terminou no dia 30 de dezembro de 2023, com a celebração de missas, concertos, exposição, palestra, procissão e *Te Deum Laudamos*, com a participação das irmandades do Santíssimo Sacramento e do Senhor dos Passos, além da comunidade. Tudo abrilhantado pela banda da Sociedade Musical Lyra Lagoense e Coro e Orquestra de Câmara Santa Cecília.

Realmente, após a restauração, a igreja teve recuperada a sua exuberância, principalmente do retábulo-mor barroco e o seu conjunto escultórico (Figura 2). No camarim, encontra-se a cena do Calvário, o Cristo crucificado, Nossa Senhora das Dores, Santa Maria Madalena e São João Evangelista – peças de grande proporção e impacto. Nos nichos laterais, estão as imagens de São João Evangelista e São Joaquim. Há que se destacar que a boa solução do retábulo-mor, com talha de exímia qualidade, os brotos e as folhas de acanto, colunas, entablamentos e as formas de volutas formam conjunto harmonioso.

Figura 2 – Retábulo-mor da Capela do Senhor Bom Jesus do Matosinhos, após a restauração.
Lagoa Dourada, Minas Gerais



Fonte: autor, 2023.

As imagens do retábulo-mor foram executadas por um autor desconhecido, denominado Mestre de Lagoa Dourada. A identificação desse conjunto ocorreu por acaso, quando o restaurador e pesquisador Carlos Magno de Araújo esteve na igreja para intervenção de manutenção (Araújo; Marques, 2009). Além dessas imagens, Lagoa Dourada possui o maior conjunto de esculturas desse artífice – a imagem de Nossa Senhora do Carmo, de um retábulo lateral da Matriz de Santo Antônio, e as que ficam guardadas, por motivo de segurança: Nossa Senhora do Rosário, Santana, São José, Nossa Senhora da Lapa, São Roque e um Crucificado. Na ocasião da inauguração das obras da capela, esse conjunto de imagens foi exposto (Figura 3). Quem passou por lá na ocasião, teve a rara oportunidade de apreciar de perto o maior conjunto escultórico do Mestre de Lagoa Dourada.

Figura 3 – Conjunto de imagens atribuídas ao Mestre de Lagoa Dourada.
Acervo da Paróquia de Santo Antônio. Lagoa Dourada, Minas Gerais



Fonte: autor, 2023.

É possível que algumas dessas imagens tenham pertencido à antiga Ermida do Senhor Bom Jesus dos Aflitos, provavelmente de 1695, infelizmente demolida.

O MESTRE DE LAGOA DOURADA

Desde os primórdios, Minas Gerais recebeu forte influência da cultura portuguesa, inclusive da estratificação social e dos fazeres, ou melhor, para se permitir reconhecer, aprovar ou não a atuação dos artífices e suas obras. O trabalho de um escultor não chegava a ser

significativamente valorizado. Ele precisava circular, para atender às demandas e aproveitar as oportunidades para produzir:

Assim, os trabalhos de escultura foram atribuídos a carapinas, marceneiros e, principalmente, carpinteiros e entalhadores. Assinale-se, a propósito de *santeiros* e *imaginários*, os quais, sem que também viessem a compor um ramo profissional, pelas suas qualificações específicas, absorviam grande parte das encomendas provavelmente destinadas a escultores (Boschi, 1988, p. 18, grifos do autor).

Então, os santeiros saíam e pousavam nas vilas e arraiais, onde ofereciam os seus préstimos e as suas habilidades, para atender aos contratantes. De certa forma, para se compreender as obras de arte, torna-se necessário observar o *modus operandi* desses artífices, como recomenda Meneses (2013, p. 68):

A interpretação sobre a inserção social dos oficiais mecânicos no espaço de Minas Gerais setecentista e do início do oitocentos deve passar, necessariamente, por uma análise que vise perceber, através de diversas fontes de pesquisa, a dimensão material da construção da sobrevivência desses homens.

Certos artífices que atuaram em Minas Gerais tiveram significativa mobilidade e executaram obras em diversos lugares. Não foram tantos os que ascenderam socialmente e tiveram reconhecimento em vida. Ao analisar seus testamentos *post mortem*, apenas em poucos casos, fica claro que, pelos bens listados, construíram patrimônio pessoal significativo, a exemplo do pintor Francisco Xavier Carneiro (1765-1840). Contudo, “[...] houve aqueles que trabalharam em troca de alimentação, hospedagem e, em certas conjunturas, de modesto *pro labore*” (Boschi, 1988, p. 42).

Desse modo, frequentemente a se deslocar individualmente ou com suas oficinas, a valorização do trabalho dos artífices dependia de circunstâncias, de acordo com o *status* social, a repercussão de obras executadas e as condições dos contratantes, geralmente as irmandades e as arquiconfrarias e, ainda, os particulares que encomendavam suas imagens devocionais para as ermidas e para os oratórios domésticos (Etzel, 1979).

Do universo de escultores de imagens sacras, o artífice Antônio Francisco Lisboa (1737-1814) executou obra vasta e atendeu aos abonados comitentes da época, especialmente as ordens terceiras franciscana e carmelita das principais vilas do período colonial. Outros santeiros também tiveram reconhecimento, como Valentim da Fonseca e Silva (1745-1813), nascido no Serro (MG), porém atuante no Rio de Janeiro (RJ), onde faleceu, ou ainda José Joaquim da Veiga Valle (1806-1874), nascido no Arraial Meia Ponte, atual município de Pirenópolis (GO), mas viveu em Vila Boa, atual Goiás (GO) (Cruz, 2024). A mesma sorte não tiveram tantos outros santeiros que, por lacuna documental e por não assinarem suas peças, acabaram no anonimato completo (Coelho, 2017).

Pelo Brasil afora, em inúmeras edificações religiosas, encontraremos belos conjuntos de imaginária, mas com a autoria ainda desconhecida. Para facilitar o estudo e poder agrupar em conjuntos escultóricos de possíveis autorias, a solução tem sido a denominação geral e principalmente regional, como: Mestre do Sergipe, Mestre de Piranga, Mestre do Cajuru, Mestre de Sabará, Mestre de Lagoa Dourada e outros. É importante ressaltar que a palavra “mestre” raramente apareceu nos documentos da mesma época. Então, naquele período, o adjetivo mais usado foi mesmo “artífice”.

Conforme salientado por Sylvio de Vasconcellos (2004), os primeiros artífices a atuarem no território mineiro foram os emigrados, até que fossem formados escultores nativos. É nesse contexto sociocultural que alocamos o escultor que executou o conjunto do Calvário de Cristo da Capela do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, de Lagoa Dourada (Figura 3), denominado por Carlos Magno de Araújo por Mestre de Lagoa Dourada (Araújo; Marques, 2009). Sua atuação deve ter ocorrido na primeira metade do século XVIII e nos legou expressivas obras já identificadas de sua fatura, mas outras ainda devem ser localizadas, desde que informações sobre a tipologia por ele construída ao longo do tempo seja mais conhecida.

Importa esclarecer que, antes mesmo da execução de uma imagem devocional, o artífice precisava dominar certos conhecimentos básicos, como reconhecer tipos específicos de madeiras e suas fibras, as ferramentas adequadas, a iconografia de cada santo e os seus componentes identitários, a história de vida dos santos, a atualização dos estilos, espacialidade e volumetria. Precisava, ainda, compreender bem as propostas dos contratantes, em geral as irmandades. O escultor trabalhava com a madeira e o acabamento e outro artífice ficava com a responsabilidade da policromia, do estofamento e do esgrafito. Em certos casos, a encarnação, a pintura das partes de pele, rosto, braços, mãos, pernas e pés, poderiam ser executadas por outro artífice, porque cada etapa exigia habilidades e domínios técnicos distintos. Raros foram os artífices que executavam as imagens, faziam a policromia e ainda a encarnação, a exemplo do santeiro José Joaquim da Veiga Valle (Coelho, 2017).

A cena do Calvário de Cristo de Lagoa Dourada, com o crucificado e os três personagens aos pés da cruz, é imponente e traz os estilemas característicos do Mestre de Lagoa Dourada. O Cristo tem os cabelos organizados em mechas sequenciais, com feixes isolados, estriados, com as terminações mais deslocadas para a frente da figura, outras para trás, com as terminações em caracóis. O nariz é reto e parte do meio das sobrancelhas; o desenho labial é bem definido, com as colunas do *filtrum* labial evidenciadas. Os bigodes finos nascem das abas do nariz e se avolumam. A barba cerrada se conforma por feixes modulados, sequenciais, com maior prolongamento no queixo, onde também formam caracóis. A tez é bem clara, tanto que chega

a se confundir com o branco dos tecidos. A cor da pele alva contrasta acentuadamente com os tons em vermelho do sangue. A solução de policromática é bastante particular e nos induz a achar que o próprio escultor a tenha executado (Figura 4).

Figura 4 – Detalhe do Crucificado. Cena do Calvário.
Capela do Senhor Bom Jesus de Matosinhos. Lagoa Dourada, Minas Gerais



Fonte: autor, 2023.

Toda a característica escultórica desse artífice é encontrada nos personagens dessa cena. A indumentária de Nossa Senhora das Dores, por exemplo, apresenta contraste nos tons, com o tecido a cair mais reto, com pregas e movimentação contidas. Ela está vestida como uma “senhora” daquele período. Usa um chapéu com queixal, amarrado por trás, cobrindo parte do queixo. Geralmente, as senhoras colocavam a touca, depois o chapéu e, por último, o véu afixado com alfinetes. O artífice precisava ter conhecimentos diversos para convencer os comitentes a contratá-lo para a execução das imagens devocionais, que se destinavam ao culto e à persuasão dos fiéis (O Hábito [...], [ca. 2024]).

Importa esclarecer, quanto às tipologias, que os escultores mais demandados, como foi o caso de Antônio Francisco Lisboa, desenvolveram suas tipologias, com as quais tornaram suas obras inconfundíveis, exatamente como as do santeiro da antiga Villa Rica. Seus Cristos têm variações, tanto nas obras em madeira quanto nas esculpidas em elementos rochosos, mas, em cada obra, podemos detectar imediatamente o seu conjunto de estilemas, como, por exemplo, os bigodes que saem das narinas, a deixar o *filtrum* exposto, bem como o queixo em montículos, onde se enrolam os tufos de barba, principalmente na imagens dos Passos da Paixão, de Congonhas (MG). (Oliveira, 2011).

Desse modo, cada escultor desenvolveu suas próprias características. No caso dos cabelos e das barbas, as soluções podem ganhar expressividade e concorrer para a dramatização das imagens, a exemplo do detalhe da Piedade, de Antônio Francisco Lisboa, do retábulo-mor do Santuário de Nossa Senhora da Piedade, em Caeté (MG), ou, ainda, dos Crucificados de Veiga Valle, nos quais o santeiro criou solução para a saída dos bigodes, pois eles partem depois do *filtrum* labial, totalmente isolados (Salgueiro, 1983).

No caso das imagens do conjunto da Matriz de Santo Antônio de Lagoa Dourada, encontramos as soluções aplicadas nas esculturas do Calvário, como no São João Evangelista, imagem retabular, mas com os cabelos organizados em mechas, estriados, a terminar com os caracóis. A escultura do padroeiro, o Bom Jesus, fica na mesa do altar, em exposição. A tez alva e os cabelos em caracóis tornam a peça identificável facilmente (Figura 5), pelas soluções escultóricas e policromáticas. O São José tem os cabelos terminando em caracóis e a barba também; os bigodes partem das abas do nariz. A imagem de Nossa Senhora do Carmo e sua indumentária, do retábulo lateral da Matriz, assemelha-se bastante com a Senhora das Dores do Calvário da capela. O Crucificado apresenta as mesmas soluções anatômicas, principalmente o cabelo estriado com as pontas em caracóis. Tudo muito bem definido e a evidenciar as características da obra do Mestre de Lagoa Dourada.

Figura 5 – Detalhe da imagem do Senhor Bom Jesus, com a tipologia do Mestre de Lagoa Dourada. Lagoa Dourada, Minas Gerais



Fonte: autor, 2023.

Outra solução presente nas esculturas desses mestres é a cintura, marcada com cinto ou laço, para ajudar a definir as dobras e propiciar certa movimentação na indumentária, conforme

se constata nas imagens de Maria Madalena, do Calvário, nas duas santas do retábulo de São Miguel e Almas, de Tiradentes, e na imagem do Menino Deus, do Conjunto da Sagrada Família, de Cachoeira do Campo, Ouro Preto.

Exatamente como atuaram os demais escultores em Minas Gerais, o Mestre de Lagoa Dourada circulou por vilas e povoados, atendendo as demandas das irmandades, das confrarias e de particulares (Meneses, 2013). Vejamos imagens e localidades onde já foram identificadas suas esculturas devocionais (Quadro 1).

Quadro 1 – Imagens atribuídas ao santeiro Mestre de Lagoa Dourada

Imagem	Edificação	Cidade
1. São Bartolomeu	Igreja de São Bartolomeu	São Bartolomeu / Ouro Preto
2. Bom Jesus de Matosinhos	Matriz de Santo Antônio	Ouro Branco
3. São Tomé	Matriz de São Tomé	São Tomé das Letras
4. Conjunto Sagrada Família	Matriz de Nossa Senhora de Nazaré	Cachoeira do Campo / Ouro Preto
5. Conjunto Sagrada Família	Igreja de Nossa Senhora do Desterro	Marilândia / Itapecerica
6. Santa Luzia	Matriz de Santo Antônio	Tiradentes
7. Santa Bárbara	Matriz de Santo Antônio	Tiradentes
8. Nossa Senhora do Livramento	Capela de Nossa Senhora do Livramento	Livramento / Prados
9. Nossa Senhora do Serrote	Matriz de Nossa Senhora da Glória	Caranaíba
10. Nossa Senhora do Rosário	Igreja do Rosário	Resende Costa
11. São Benedito	Igreja do Rosário	Congonhas
12. Santa Ifigênia	Igreja do Rosário	Congonhas
13. Crucificado	Igreja do Rosário	Congonhas
14. Crucificado	Coleção Ângela Gutierrez / Museu do Oratório	Ouro Preto
15. Crucificado	Coleção Particular	Tiradentes

Fonte: adaptado de Araújo 2024.

As esculturas que se encontram em acervos distintos, fora de Lagoa Dourada, apresentam as mesmas características, a exemplo das estruturas anatômicas, da indumentária com pregas retas e movimentação contida, de certos detalhes na cintura ou presilhas, acentuadamente os cabelos organizados em ondas, estriados e com as pontas a terminar em caracóis. A policromia é contida, às vezes com o emprego de cores mais fortes, como na imagem de Nossa Senhora do Serrote, de Caranaíba (MG), e desprovida dos esgrafitos em ouro e prata, mas solução bastante comum na imaginária contemporânea do período de atuação desse santeiro.

Ainda atribuídas ao Mestre de Lagoa Dourada, estão localizadas em Tiradentes, na Matriz de Santo Antônio, no retábulo colateral de São Miguel e Almas, nas peanhas laterais, as

imagens de Santa Bárbara e de Santa Luzia. Esta igreja está aberta diariamente para visitação. Fecha apenas nas segundas-feiras, para limpeza e manutenção. Portanto, as duas esculturas podem ser facilmente apreciadas.

Também em Ouro Preto, cidade reconhecida como Patrimônio da Humanidade, pode-se conhecer, no Museu do Oratório, fazendo parte da Coleção Ângela Gutierrez, um Crucificado (Figura 6), que traz o conjunto de estilemas que caracteriza a fatura do Mestre de Lagoa Dourada.

Figura 6 – Crucificado. Museu do Oratório – Coleção Ângela Gutierrez.
Ouro Preto, Minas Gerais



Fonte: autor, 2024.

O Crucificado é objeto de especial veneração em inúmeras igrejas. Em Bom Jesus de Matosinhos, por exemplo, é devoção bastante arraigada em Minas Gerais e o exemplo mais expressivo é o Santuário de Congonhas, reconhecido como Patrimônio da Humanidade. Seu campo de obra atraiu os mais requisitados artífices da capitania, dentre os quais destacamos Antônio Francisco Lisboa e Manoel da Costa Ataíde. Entretanto, o retábulo-mor desse santuário abriga apenas o Crucificado, em imagem de enorme proporção. No trono, está uma escultura de Santana e tocheiros. Situação semelhante é a do Santuário do Senhor Bom Jesus de Matosinhos de Conceição do Mato Dentro, que tem imponente imagem inserida em retábulo de forte impacto visual, mas em edificação nova. Em São João del-Rei, existiu uma igreja dessa devoção, com apenas o Crucificado no retábulo-mor, como nos dois exemplos citados.

Contudo, foi demolida para a construção de novo templo e pouco se salvou dos seus bens integrados, como os retábulos. A imagem do orago foi preservada.

Na Igreja de Nossa Senhora do Rosário, de Congonhas, há um Crucificado (Figura 7) atribuído ao Mestre de Lagoa Dourada, que se destaca por ser considerada uma obra provável da sua maturidade.

Figura 7 – Crucifixo de banquetta. Obra de plena maturidade do Mestre de Lagoa Dourada. Capela do Rosário. Congonhas, Minas Gerais



Fonte: Carlos M. Araújo, 2024.

Um aspecto a ser considerado, no trabalho desses mestres, é a função dos impressos. Desde os primórdios das Minas, missais, bíblias ou registros de santos circularam e chegaram aos mais recônditos povoados. Há a possibilidade de o Mestre de Lagoa Dourada ter se inspirado em um desses impressos, pois sua composição assemelha-se a uma gravura de missal que circulou durante todo o século XVIII, em edições distintas. Em uma delas, assinada por “Silva”, ao pé do Crucificado aparecem as três figuras: Nossa Senhora das Dores, Madalena e São João Evangelista. No Calvário do Mestre de Lagoa Dourada, Madalena figura ajoelhada e com o braço a passar por trás da cruz, dando ideia de abraçá-la, solução muito próxima à da gravura desse *Missale Romanum* (1789).

É também da autoria do Mestre de Lagoa Dourada a composição do Calvário da Capela do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, que é excepcional, por ter imagens imponentes, de forte impacto e ter autoria desse único santeiro, com sua tipologia escultórica bem definida.

A cena do Calvário está presente ainda em Tiradentes, na nave da Matriz de Santo Antônio, na qual está o retábulo do Descendimento, o mais antigo da edificação, de meados da década de 1730. Essa composição tem a cena do Calvário, com as imagens em tamanho natural. O Cristo na cruz, com cabeleira natural e os braços com articulação para a encenação

do Descendimento da Cruz, na cerimônia da Sexta-feira da Paixão; aos seus pés figuram Nossa Senhora das Dores e São João Evangelista, ambos de roca ou imagens de vestir².

Da mesma forma, no Consistório da Irmandade do Senhor do Passos, em Tiradentes, na parede fundeira, encontra-se retábulo volumoso, com estrutura do estilo D. João V. Nele está a cena do Calvário, com duas imagens ao pé da cruz – Nossa Senhora das Dores e São João Evangelista –, esculturas procedentes do século XVIII, porém com as vestes mais estilizadas e repintadas. O Crucificado apresenta vasta barba e cabeleira natural, que deve ser mais recente, provavelmente do início do século XIX. A autoria de ambas as imagens é desconhecida. Esse conjunto se encontra em precária situação de conservação, principalmente em decorrência da ação das águas pluviais ao longo do tempo (Cruz, 2021).

Ainda em Tiradentes, na Capela de São João Evangelista, encontramos outra cena do Calvário no retábulo-mor, com esculturas de grande porte, mas apenas dois personagens ao pé da cruz, como na composição do retábulo da Irmandade do Descendimento, da Matriz de Santo Antônio. A autoria dessas imagens retabulares também é ignorada. A Capela de São João Evangelista pode ser visitada nos finais de semana.

Calvários com os três personagens ao pé da cruz são encontrados mais frequentemente em oratórios, tanto de igrejas quanto de particulares. Bom exemplo é o que pode ser apreciado na sacristia da Capela da Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo, em São João del-Rei. O conjunto escultórico desse oratório é primoroso e de origem portuguesa. Esteve repintado e recentemente passou por intervenção de restauração, executada pelo restaurador e pesquisador Carlos Magno de Araújo. A policromia original ficou integralmente preservada.

IMPRESSÃO DE ESCULTURAS

A impressão de esculturas é um fenômeno recente que merece um estudo, para que seja possível o conhecimento das condições em que ocorre. Em 2024, por exemplo, a Diocese de São João del-Rei e a Paróquia do Senhor Bom Jesus de Matosinhos celebraram os 250 anos dessa devoção na cidade. Para essa festividade, foi encomendada uma imagem do Crucificado para ser exposta na Catedral Basílica de Nossa Senhora do Pilar. Como São João del-Rei sempre foi terra de santeiros de exímia qualidade, indagamos sobre a autoria da peça, mas ninguém tinha informação. O que se sabia era que tal imagem havia sido impressa em 3D, portanto em miniatura, mas idêntica à original da antiga igreja demolida na década de 1970. A impressão de imagens, portanto, pode ser a solução para os amantes e colecionadores de arte, pois é só mandar imprimir cópias e assim assegurar a integridade dos acervos das igrejas, já tão dilapidados.

² As imagens de vestir não possuem autoria conhecida.

Entendemos que a impressão de esculturas rotineiramente poderá ser processo lento. Enquanto isso, o ideal é programar visitas para conhecer os tesouros de Lagoa Dourada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo realizado permitiu-nos apresentar o que se conhece, até o momento, acerca do Mestre que atuou em Lagoa Dourada e outras vilas mineiras, na primeira metade do século XVIII. Dentre as imagens já identificadas, ficaram evidentes os estilemas, que são imediatamente identificáveis pelas soluções escultóricas e pela policromia, muito próprias desse escultor.

Dentre as imagens identificadas, algumas apresentavam soluções mais ingênuas e outras com mais amadurecimento. Há que se investigar as prováveis influências recebidas de outros santeiros e como essa produção pode se relacionar com as gravuras circulantes em Minas Gerais.

Com a restauração da Capela do Senhor Bom Jesus de Matosinhos e a recuperação de todo o seu esplendor barroco, tem-se oportunidade de apreciar as obras do Mestre de Lagoa Dourada, que poderão ser mais conhecidas e divulgadas. Enfim, chegou a hora de se encantar com o trabalho desse mestre da arte de esculpir e policromar imagens devocionais.

É indispensável que estudos acerca da produção escultórica do Mestre de Lagoa Dourada sejam propostos, para aprofundar o conhecimento e a compreensão do seu trabalho. Há a possibilidade de se encontrar, nos arquivos eclesiásticos, referências que possam elucidar dúvidas sobre a obra, a atuação, a mobilidade desse santeiro e ainda se atuou junto a uma oficina.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Carlos Magno de. *Folder da Inauguração das obras de restauração da Capela do Senhor Bom Jesus de Matosinhos*. Lagoa Dourada, 2024.

ARAUJO, Carlos Magno de; MARQUES, Edmilson Barreto. Os inéditos mestres de Lagoa Dourada e de Vitoriano Veloso, Minas Gerais. *Boletim do CEIB*, Belo Horizonte, v. 13, n. 43, p. 1-6, jul. 2009.

BARBOSA, Waldemar de Almeida. *Dicionário Histórico-Geográfico de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1995.

BOSCHI, Caio C. *O barroco mineiro: artes e trabalho*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BRASIL. Presidência da República. *Lei nº 14.646, de 2 de agosto de 2023*. Confere ao Município de Lagoa Dourada, no Estado de Minas Gerais, o título de Capital Nacional do Rocambole. Brasília, DF: Presidência da República, 2023. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2023/lei/L14646.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%2014.646%2C%20DE%202,de%20Capital%20Nacional%20do%20Rocambole.&text=Nacional%20do%20Rocambole-,Art.,e%20135o%20da%20Rep%C3%ABlica. Acesso em: 8 out. 2024.

COELHO, Beatriz. (org.). *Devoção e arte: imaginária religiosa em Minas Gerais*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2017.

CRUZ, Luiz Antonio da. *Os tetos pintados e as pinturas ornamentais na Vila de São José: contexto histórico e artístico entre os séculos XVII e XIX*. 2021. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Escola de Arquitetura, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021

CRUZ, Luiz Antonio da. *Veiga Valle: o talentoso policromador e encarnador goiano*. [S.l.]: 2024. Disponível em: <https://luizcruztiradentes.blogspot.com/2024/01/veiga-valle-o-talentoso-escultor.html>. Acesso em: 7 out. 2024.

CRUZ, Luiz Antonio da; BOAVENTURA, Maria José. *Memória troupeira*. Tiradentes: IHGT, 2014.

ETZEL, Eduardo. *Imagem sacra brasileira*. São Paulo: Melhoramentos; Edusp, 1979.

MENESES, José Newton Coelho. *Artes fabris e ofícios banais: o controle dos ofícios pelas Câmaras de Lisboa e das Vilas de Minas Gerais (1750-1808)*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013.

MISSALE ROMANUM [...]. Lisboa: Olisipone; Ex Tipografia Régia, 1789.

O HÁBITO carmelita. Lisieux, FR: Les Archives du Carmel de Lisieu, [ca. 2024]. Disponível em: <https://archives.carmeldelisieux.fr/pt/au-carmel-du-temps-de-therese/le-style-de-vie/habit-de-carmelite/> Acesso em: 3 out. 2024.

OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. *Os Passos de Congonhas e suas restaurações*. Brasília, DF: Iphan, 2011.

RESENDE, Maria Leônia Chaves de. “Brasis coloniais”: índios e mestiços nas Minas Gerais setecentistas. In: RESENDE, Maria Efigênia Lage de; VILLALTA, Luiz Carlos (org.). *História de Minas Gerais: as Minas Setecentistas*. Belo Horizonte: Autêntica; Companhia das Letras, 2007. v. 1. p. 221-251.

SALES, Cristiano Lima. *A Estrada Real nos cenários arqueológico, colonial e contemporâneo: construções e reconstruções histórico-culturais de um caminho*. 2012. 308 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2012.

SALES, Cristiano Lima. Arqueologia e história indígena em Lagoa Dourada, Minas Gerais, Brasil: primeiros passos. *Revista Faces de Clio*, Juiz de Fora, v. 8, n. 16, p. 139-167, jul/dez. 2022. DOI: 10.34019/2359-4489.2022. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/facesdeclio/article/view/38816/25528>. Acesso em: 25 out. 2024.

SALGUEIRO, Heliana Angotti. *A singularidade da obra de Veiga Valle*. Goiânia: Universidade Católica de Goiás, 1983.

SENADO FEDERAL. Agência Senado. *Lagoa Dourada é declarada Capital Nacional do Rocambole*. Brasília, DF: Agência Senado, 3 ago. 2023. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2023/08/03/sancionada-lei-que-declara-lagoa-dourada-a-capital-nacional-do-rocambole#>. Acesso em: 20 out. 2024.

SPIX, Johann Baptist von; MARTIUS, Carl Friedrich Philipp. *Viagem pelo Brasil 1817-1820*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EdUSP, 1981. v. I.

VASCONCELLOS, Sylvio. *Arquitetura, arte e cidade*. Textos Reunidos. Celina Borges Lemos (org.). Belo Horizonte: BDMG Cultural, 2004.

WALSH, Robert. *Notícias do Brasil (1828-1829)*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EdUSP, 1985. v. 1.